

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

LIBERDADE PARA JOSÉ VITORIANO!

A FEDERAÇÃO SINDICAL MUNDIAL APRESENTOU UMA QUEIXA AO OFÍCIO INTERNACIONAL DO TRABALHO em que depois de falar sobre a ausência das liberdades sindicais em Portugal assim como sobre as múltiplas formas de repressão e as sistemáticas perseguições de que são vítimas os trabalhadores devido à sua luta por melhores condições de vida e de trabalho e pelo respeito dos direitos sindicais e das liberdades democráticas, chama a «atenção sobre o caso particularmente grave de José Vitoriano».

A Federação Sindical Mundial termina por pedir ao O.I.T. «que intervenha junto do governo português para que José Vitoriano seja posto imediatamente em liberdade; num futuro próximo cesse a repressão policial e as violações das liberdades democráticas e dos direitos sindicais; seja finalmente reconhecido e garantido em Portugal o princípio da liberdade sindical».

**Cresce a luta
por aumento geral
de salários,
jornas e ordenados**

5 MIL GREVISTAS

em Pero Pinheiro

LUTAM POR 10 ESCUDOS DE AUMENTO!

CHOQUES NAS RUAS COM AS FORÇAS REPRESSIVAS

A LUTA CONTINUA!

Em frente ao crescente agravamento do custo de vida o operariado de toda a região ao norte do Tejo (Ribatejo e Oeste) lançou-se numa luta geral por 10 escudos de aumento, tendo vindo a conquistá-los nuns lados ou a aproximar-se deles noutros lados.

Também na zona de Pero Pinheiro-Montelavar os operários de mármore e cantarias — canteiros, polidores, serradores e cabeleiros (trabalhadores das pedreiras) — intensificaram a partir de Janeiro a luta por 10 escudos de aumento nos salários. Pequenas comissões dirigiram-se aos patrões pedindo o aumento e encontraram a sua oposição.

Em Fevereiro, embora sem abandonar a pressão sobre os patrões, começaram a suceder-se as delegações ao Sindicato para que este apoiasse a reivindicação dos trabalhadores, também não obtendo resposta satisfatória.

**Uma comissão de toda a classe
insiste junto do sindicato**

Uma viva agitação se estende nos meses de Março e Abril, ganhando completamente as massas trabalhadoras nas vésperas do 1.º de Maio. Daí que a concentração de 29 de Abril no Sindicato tenha já sido muito importante e os operários tivessem dado um prazo aos directores para uma resposta concreta no dia 3 de Maio. Neste dia, porém, o presidente não estava e deixara um aviso de que os recebia no dia 4.

Foi então que mais de mil operários se concentraram no Sindicato. Porém tudo o que no Sindicato disseram aos trabalhadores foi que iam enviar uma circular a todas as firmas, estando convencidos que algumas não dariam aumento mas outras dariam dez tostões, outras 2 escudos, outras 3, etc, mas nenhuma daria 10 escudos.

A revolta dos trabalhadores foi tão grande que, perante as amea-

ças que depois lhes foram feitas, rasgaram todos os cartazes e quadros com «pensamentos» de Salazar e os lançaram à rua e, (continua na 2.ª pág.)

Entre muitos outros trabalhadores em todo o País já conquistaram aumentos: pescadores bacalhoeiros, conserveiros, portuários de Lisboa; cerâmicos do Norte, operários da SIPE (Carcavelos), da Cimmar (Pero Pinheiro), do papel da Abelheira, da Ferral (Póvoa de Santa Iria), da Vaz Guedes (Alverca), pintores das construções navais de Lisboa e margem Sul, corticeiros da Wincader (Seixal), etc.

O 1.º DE MAIO DE 1965 FOI UMA GRANDE JORNADA DE LUTA E REIVINDICAÇÕES

Chegaram-nos mais notícias dos acontecimentos que antecederam o 1.º de Maio. Recebemos mais informações de lutas, piqueniques, etc, que decorreram em vários pontos do País no dia 1.º de Maio e já temos relatos de magníficas lutas que foram lançadas após o Dia dos Trabalhadores.

Concluimos que de novo em 1965, tal como em 1964, as comemorações do 1.º de Maio não se podem reduzir ao que se passou nesse dia — e foi já importante! — mas a todo um período que vai desde a sua preparação até às suas consequências. A classe operária portuguesa, os trabalhadores fizeram da jornada do 1.º de Maio um centro de actividade política, de combate contra o patronato capitalista e contra o regime que protege e defende os capitalistas ajudando a escravizar ainda mais os trabalhadores.

Metalúrgicos, corticeiros, têxteis, pescadores da sardinha e do bacalhau, assalariados agrícolas do Algarve, Alentejo e Ribatejo, operários das pedreiras, químicos, dos curtumes, portuários, ferroviários, empregados bancários, de seguros, de imprensa, dos telefones, e de muitos outros ramos desencadearam por todo o País uma luta por aumento de salários, por garantia de trabalho, por mais regalias, ou deram novo alento a essa luta já em curso. Assim, o Dia dos Trabalhadores servia de estímulo a uma maior combatividade e organização e essa era já uma forma de comemorar desde logo o 1.º de Maio.

Os estudantes, com a sua ma-

gnífica luta em Lisboa e também em Coimbra e com o apoio dos do Porto, Santarém, Viseu, Castelo Branco, etc, tinham também ajudado à criação daquele ambiente de luta em volta do 1.º de Maio, tal como ajudaram, sendo uma das partes mais importantes, na concretização da manifestação desse dia em Lisboa.

Também os intelectuais têm vindo progressivamente a juntar-

ergueram depois numa luta particular de que nos ocupamos noutro local. Contra os intermediários, contra os impostos, contra a asséxiada agricultura se movimentaram em todo o País grupos mais ou menos numerosos de camponeses.

Podemos afirmar que no período de que vai da preparação do 1.º de Maio aos dias de luta que se lhe seguiram resultantes do entusiasmo e da confiança ganha nas comemorações do Dia dos Trabalhadores estiveram em luta em Portugal quase todos os sectores trabalhadores, juvenis e intelectuais e ainda camponeses, donas de casa, familiares e amigos dos presos políticos, familiares e amigos de jovens mortos em Angola, Guiné e Moçambique, e, também nas forças armadas, os soldados contra a guerra colonial e o arbitrio nos quartéis.

Contra a guerra colonial, contra a repressão, pela participação democrática nas «eleições» para deputados, contra a vida cara — foram objectivos de luta que uniram vastas camadas da população contra o fascismo, mas a principal luta, aquela que ao longo de todo o País está forjando novos combatentes é a luta geral por aumento de salários, jornas, ordenados e vencimentos que vai desde os pequenos grupos de operários que reclamam em cada fábrica, em cada oficina, aumento de salários até à grandiosa greve geral dos operários das pedreiras da região de Pero Pinheiro.

Queremos observar desde já (continua na 2.ª pág.)

Extractos duma saudação da FEDERAÇÃO SINDICAL MUNDIAL

«No 1.º de Maio, milhares de trabalhadores, fraternalmente unidos a estudantes e outros democratas e anti-fascistas portugueses, manifestaram-se durante horas nas ruas de Lisboa (...)

(...) A Federação Sindical Mundial saudou calorosamente os trabalhadores, os estudantes e todos os democratas portugueses que lutem pelas suas reivindicações, pelos seus direitos sindicais e democráticos, contra a ditadura, por uma vida melhor. Ela chama-os a manter e a alargar a unidade na Luta, que é a melhor garantia da vitória.

A F.S.M., em nome dos seus 120 milhões de filiados, assegura uma vez mais aos trabalhadores e ao povo português o seu mais firme apoio e a solidariedade actuante dos sindicatos e dos trabalhadores do mundo que estão e sempre estarão ao lado da sua nobre e justa luta.

— se a essa luta geral dos trabalhadores portugueses. A conquista de melhores ordenados e vencimentos partiram os jornalistas (cuja luta já vem de trás), os engenheiros que trabalham em serviços oficiais, os veterinários camarários, os professores. Contra os impostos se levantaram os escritores, por intermédio da Sociedade Portuguesa de Escritores, à volta do encerramento da qual se

(continuação da 1.ª pág.)

quando um dos directores tentou levantar a mão a um operário, partiram uma jarra e com o respectivo napoleon enfiado na água o lançaram à cara do director. Outro director que se armou em valentão foi agarrado e posto fora. Em seguida os operários marcaram nova manifestação para o dia 7 de Maio. Chamada pelos factos do patronato a GNR dirigiu-se para Pero Pinheiro mas quando lá chegou já a concentração terminara. Era o 1.º aviso repressivo!

No dia 7 foram já mais de 2 mil operários que se dirigiram ao Sindicato. Porém encontraram-no cercado por 20 e tal praças da GNR equipadas de espingarda e de casaca de aço, comandadas por um sargento e um tenente armados de metralhadora! Apesar disso os operários tentaram por várias vezes entre as 18,30 h. e as 21 horas entrar no Sindicato sendo sempre recebidos com as armas apontadas e por uma ou outra agressão, prontamente respondida pelos trabalhadores com «pombos sem asas» (pedradas). O último choque deu-se quando a GNR abandonou os locais pois o carro deles foi vivamente apodrejado e os guardas saíram e fizeram alguns dispersos.

**Um comité de greve
DIRIGE A LUTA**

A combatividade dos operários não diminuiu com esta ofensiva repressiva, pelo contrário: logo ali foi marcada nova concentração para o dia 14 e começaram a falar que se continuassem a não responder ao pedido de aumento! melhor era ir para a greve.

O Ministério das Corporações, através da Inspecção Geral do Trabalho pretendeu enganar os trabalhadores, dizendo que até ali ninguém lhes tinha comunicado a reivindicação dos operários e que resolveria o assunto dentro de 2 a 3 meses. Mas os operários não se deixaram enganar. Mesmo a miragem de 5 escudos de aumento com que logo no dia 8 alguns patrões tentaram dividir a classe não os enganou. As concentrações sucederam-se, circularam tarjetas contra o lacaio fascista do Sindicato Manuel Dias Pereira, outras tarjetas contra o conjunto da direcção e finalmente na noite de 17 para 18 um manifesto do Comité de Greve apelando para declarar a greve no dia 19. E a 19, com a presença e acção de numerosos piquetes de greve, cerca de 5 mil operários entravam em greve! Em algumas fábricas mesmo os empregados de escritório e os motoristas fizeram greve.

Imediatamente apareceram 6 brigadas da Inspecção Geral do Trabalho tentando dissuadir os trabalhadores. Estes porém não os escutaram — seguiram sim a palavra de ordem do Comité de greve: concentração dos grevistas no Sindicato. Assim, cerca de 2 mil operários concentraram-se em frente do Sindicato tendo porém que enfrentar a maior vaga de forças repressivas que até então se viu: além dos «bufos» da Inspecção do Trabalho, dirigidos por Ferreira da Cunha, que passaram a indicar aos guardas os operários que mais se distinguiram, apareceram 74 guardas da GNR comandados pelo Tenente fascista Armindo Ferreira e pelo Tenente Manuel Grilo, e inúmeros agentes da PIDE dirigidos pelo inspector Fiuza. Durante o dia novos reforços de cavalaria e de infantaria elevaram para 300 o número de guardas da GNR presentes em Pero Pinheiro.

« Assim, é a miséria
a lutar contra a miséria! »

Era o que gritavam às praças da GNR os operários, explicando-lhes que deviam ir-se embora, que o que os operários queriam era ganhar mais e que eles também eram filhos de trabalhadores e os atiravam contra outros trabalhadores. Apesar deste apelo à compreensão, quando a cavalaria chegou, já noite, as forças repressivas atacaram os grevistas. Deram-se então choques violentos: a GNR disparou e feriu operários, o bandido do sargento do posto de Sintra fez rajadas de pistola-metralhadora e feriu 5 operários; por outro lado vários guardas a cavalo foram derrubados à pedrada e, quando as ambulâncias chegaram para levar os feridos,

os trabalhadores conseguiram arrancar alguns dos feridos para que não ficassem presos. A PIDE fez prisões a esmo (fala-se de 56 presos!) procurando em vão atingir a direcção da luta.

12 DIAS DE GREVE!

No dia seguinte (20) a greve continuava total! No dia 22 houve operários que se apresentaram em algumas fábricas e oficinas para perguntar se já tinham decidido dar os 10 escudos de aumento e como a resposta fosse negativa retiraram imediatamente.

A 25, domingo, em pleno dia, foram distribuídos um manifesto e uma tarjeta assinados pelo Comité de Greve apelando à continuação da greve e à resistência à fome!

Mesmo operários de pequenas oficinas doutros ramos acompanharam em solidariedade os grevistas fazendo greve de 19 a 22, recolhendo dinheiro, etc.

No dia 1 de Junho os encarregados das fábricas e dos pedreiros andaram a convidar os operários a regressar. O Comité de Greve reuniu, consultou a massa dos grevistas e decidiu aceitar pois talvez fosse pensamento dos patrões, apertados pelo atraso do trabalho, darem o aumento e por outro lado a fome ameaçava instalar-se em toda a região. Se o aumento não fosse dado trabalhariam algum tempo para ganhar um pouco de dinheiro e voltariam à greve.

A luta continua!

No dia 2 os operários voltaram ao trabalho e logo no sábado 5 verificaram que lhes não fora dado o aumento. Três firmas (Mário Cunha, Bernardo Jorge e Dr. Abel) estavam de acordo em dar os 10 escudos, mas não foram autorizados pelo governo de Salazar.

Os patrões pediram para fazer serões, de forma a recuperar o tempo perdido, mas os operários não só recusaram fazê-los, como resolveram fazer «cera» nas horas normais. Os operários estão convencidos de que a sua heróica luta lhes há-de trazer o aumento cedo ou tarde. Não adormecem entretanto à espera. Fazendo «cera» e recusando trabalhar para além das 8 horas eles preparam o ambiente para nova greve, se mesmo assim o aumento tardar.

Avante operários de Pero Pinheiro!

Fazei «cera» e recusai as horas extraordinárias!

Se não vos derem os 10 escudos fazei novas concentrações e paralisações indo de novo até à greve se for preciso!

Arrancai da prisão os vossos camaradas presos! Protegei da PIDE e da bufaria os companheiros do Comité de Greve e os vossos dirigentes operários.

Vós não estais sós! Outros trabalhadores de toda a região e doutras regiões do País actuarão em vossa defesa! Os trabalhadores de todo o mundo enviam-vos saudações e solidariedade!

Continuai a luta e a vitória é certa!

Mais noticias do 1.º de Maio

Anunciámos no vosso número de Maio como decorreu a jornada do 1.º de Maio em Lisboa, Alpiarça, Barreiro, Almeirim, Cartaxo, Alcanena, Torres Novas, Tomar, Cacia, Santa Iria, etc. Dêramos só essas noticias para não atrasar mais a saída do «Avante!». Hoje, porém, estamos em condições de juntar às magnificas comemorações já relatadas algumas outras, das mais importantes de que tomámos entretanto conhecimento e que aqui inserimos resumidamente:

GREVE GERAL DOS OPERÁRIOS AGRÍCOLAS

O ambiente Comemorativo era tal em Montemor-o-Novo, Escoural, S. Cristóvão, Couço e Aviz que toda a gente sabia nessas terras do Alentejo que nenhum assalariado iria trabalhar no sábado. E então assistiu-se em Montemor, Escoural e S. Cristóvão, logo na sexta-feira, à demonstração mais nítida da conhecida firmeza dos trabalhadores da região pois os agrários vieram pagar-lhes as jornadas nesse dia dizendo que o faziam pois já sabiam que eles não iriam ao trabalho no dia seguinte.

GRANDE JORNADA EM GRÂNDOLA

O 1.º de Maio começou a viver-se nesta tradicional e revolucionária vila muito antes do dia. Vários jantares foram feitos reunindo mais de 500 operários agrícolas, corticeiros, empregados de comércio e camponeses que serviram para preparar as comemorações.

A 25 de Abril os sentimentos democráticos e anti-fascistas dos grandolenses foram feridos pela nota da PIDE publicada nos jornais anunciando as prisões de Domingos Abrantes e seus companheiros. A resposta foi a maior agitação dos últimos 10 anos: milhares de tarjetas e grandes inscrições.

No 1.º de Maio a vila foi acor-

dada pela banda da Fraternidade Operária de Grândola (em dia de aniversário) e o povo começou saindo da vila, em massa, para piqueniques. Na vila, patrulhas da GNR não deixavam parar ninguém na Praça da República. Nas fábricas de cortiça e nas obras os poucos operários que compareceram fazem «cera» e são vigiados pela Guarda.

Nos piqueniques argueram-se punhos e vozes contra o fascismo, extraordinariamente animados pelos assalariados agrícolas que fizeram em toda a região greve geral. À tarde, no regresso dos campos eram eles por isso mesmo, os mais orgulhosos da jornada que Grândola vivera.

(continuação da 1.ª pág.)
que as lutas foram tanto mais importantes quanto mais organizadas foram, que as lutas que avançaram foram aquelas onde comissões de unidade apareceram à cabeça dos trabalhadores, onde se criaram depois comités ilegais de greve. Queremos observar ainda que uma boa luta se organiza e se desenvolve sem pressas, tendo sempre em conta a disposição das massas — o exemplo de Pero Pinheiro o prova: começando por reclamações de grupos de operários nos locais de trabalho, passou pela ida ao sindicato de grupos de 20 e 30 operários e acabou, depois de meses de luta e de organização da luta, pela greve geral de 5 mil operários.

Queremos observar finalmente que a linha política e tática do nosso Partido recebeu nova confirmação prática; que novos combatentes foram forjados nas pequenas e grandes lutas reivindicativas de carácter económico (assim como nas que se lançaram contra a repressão, por «eleições» contra a guerra colonial, contra a vida cara) que os trabalhadores acorrem à luta através dessas palavras de ordem por todos sentidas.

Todo o país se levanta por melhores salários, jornadas e ordenados, contra a política fascista do seu congelamento decretada por Salazar. Mas novas camadas da população devem aderir. Lançemos novas lutas, criemos em cada empresa a comissão de unidade para dirigir a luta, generalizemos a cada região uma mesma luta travada em várias fábricas criando uma comissão de unidade de toda uma zona, uma região ou uma classe. Façamos «cera», paralisações, concentrações e recorramos à greve sempre que tal for necessário para obrigar o patronato e o fascismo a aceitar a justiça das nossas reivindicações!

Por um aumento geral de salários, jornadas e ordenados!
Por contratos colectivos que correspondam às reivindicações dos trabalhadores!

Pela jornada de 8 horas nos campos!

Todos de pé e unidos contra a vida cara, a fome e a miséria!

Todos unidos somos uma força invencível!

NO ALGARVE

Mais uma vez os trabalhadores algarvios acorreram às palavras de ordem do Partido e foram dignos das suas tradições. Pode dizer-se que a greve do 1.º de Maio foi quase geral em toda a província. E como sempre acontece, os grevistas encheram a alegre terra algarvia dos seus cantares em numerosos piqueniques, com destaque para os que se realizaram em Alte e Cerro, sendo este último nas proximidades de Olhão, uma das maiores concentrações operárias deste 1.º de Maio em Portugal; milhares e milhares de trabalhadores e famílias para ali se dirigiram não só da região de Faro Olhão, mas também de todas as outras regiões do Algarve.